



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL:
sonho ou realidade?**

Eliana Maria Marques

Ensaio APB, n. 70

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL:
sonho ou realidade?**

Eliana Maria Marques

Ensaio APB, n. 70

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL: sonho ou realidade

Eliana Maria Marques

Ensaio APB, n. 70

**São Paulo
Setembro
1999**

- 1 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.
- 2 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 3 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 4 - MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 6 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 7 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 8 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 9 - LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 14 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 16 - VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiporã - PR. Abr. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 22 - FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 24 - SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaucia Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 31 - ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 48 - TOMAÉL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUTRA, Sigríd Karín Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.
- 67 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Agora informacional. Jun. 99.
- 68 - FREIRE, Bernardina Maria Juvenal, PEREIRA, Raquel Guimarães, LIMA, Geysa Flávia Câmara de. Biblioteca volante em canteiro de obras: relato de uma experiência. Jul. 99.
- 69 - FIERLI, Aglaé de Lima, CATARINO, Maria Elisabete. Classificação Decimal de Dewey em CD-ROM. Ago. 99.
- 70 - MARQUES, Eliana Maria. Biblioteca Pública no Brasil: sonho ou realidade? Set. 99

BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL: sonho ou realidade?

Eliana Maria Marques ⁽¹⁾

1 INTRODUÇÃO

Percorrer os caminhos de um sonho é buscar a realidade, a Biblioteca Pública habita o inconsciente coletivo da sociedade brasileira, nós profissionais ensaiamos a realidade há décadas, com proposições, ações e muitas frustrações, pois a "frustração e a luta precedem as descobertas" (Marilyn Ferguson)

O caminho do sonho, sonho aqui entendido como idéia do ideal para se chegar à biblioteca pública brasileira. Biblioteca esta que tem sido construída por muitas estórias onde pessoas, comunidades, sociedades inteiras a compõem muitas vezes, apenas no imaginário do profissional e de um apanhado de abnegados.

Se a biblioteca pública no Brasil é feita de estórias, de sonhos, o que precisamos apreender desse inconsciente coletivo, que está na comunidade, para realizá-la?

Quem são os atores de nosso sonho, de nossas estórias? Quantos estão conosco? Nós estamos com eles?

Há décadas identificamos os inimigos, os maus feitores, as dicotomias.

Onde estão os amigos, os bem feitores, as ligações? Como re-ligarmos a algo que se separou?

É nesse sentido da busca do equilíbrio, da cooperação, das possíveis re-ligações que ora penso este trabalho, sonhos que a uma década compõem nossa insistência e existência.

Podemos dizer que ao longo dessas décadas encontrei um sistema híbrido de biblioteca, nem pública, nem escolar vivendo numa constante disputa interna de negação e afirmação, numa polaridade que não busca o equilíbrio, pois, o prato da negação sempre sobrepõe a balança. Portanto, não reconhecendo sua unidade e portanto não sabendo bem como lidar com a diversidade, multiplicidade, com a pluralidade.

¹ Bibliotecária da Prefeitura do Município de Diadema. Coordenadora de Ação Cultural

A biblioteca pública sempre se caracterizou como escolar, visto as estatísticas, o cotidiano. Mas a busca de uma convivência híbrida não significa curvar-se ao mais forte, pois esse forte está em função da quantidade e não da qualidade. São as constantes buscas da qualidade que caracteriza a biblioteca pública-cultural, visto que "só encontra quem sabe o que busca". Assim, na prática e na reflexão buscamos re-ligar o que se separou.

A Educação se separou da cultura e perdeu o caminho, a Cultura recebeu a educação e virou-lhe as costas, e nunca soube bem o que fazer com essa tarefa.

A contemporaneidade exige um esforço de ambas as partes, educação e cultura, no caminho de soluções cooperativas e solidárias pois, só assim poderemos fortalecer a idéia da biblioteca escolar e como consequência se fará realidade no Brasil a existência plena da biblioteca pública, pois o sonho ainda jorra da consciência de muitos.

Acredito que esse passo deva ser dado pela área da cultura, saudando e enxergando a educação como nossos parceiros, aliados e sobretudo iniciador de uma tarefa singular, que cabe à biblioteca escolar.

A plenitude da realização da função/missão da biblioteca pública no Brasil está em olhar de frente a Educação e juntos buscar soluções.

Ai então, encontrar-se, ligar-se, novamente, re-ligando Cultura à Educação.

Após esta atitude, a biblioteca pública deverá olhar para dentro de si mesma e lançar-se para fora pois, a entropia produzida pela biblioteca pública, há décadas, como resultado de seu sistema fechado, herança da política educacional brasileira chegou no seu ponto crítico de vida ou convivência social.

É necessário produzir a Sintropia, ousar, buscar experiências de sistemas abertos, de mútua alimentação de energia e irradiação de idéias e ideais, isso a cultura é capaz de movimentar, pois esse movimento é encontrado nas relações humanas, nas comunidades, nas sociedades, no planeta terra, no universo.

Esse é o sonho que buscamos, processos criativos, dinâmicos, geradores da cultura, da vida, elemento essencial para mover a biblioteca pública.

Reinventando no sonho

A Biblioteca precisa conhecer-se como um ser vivo/criativo (aquele que criatividade) que se insere e se relaciona com o outro de dentro para fora e de fora para dentro.

A biblioteca é **in-ser-ativa** isto é, um ser ativo, ela trás dentro de si atividade/ação, porque a mediação é realizada por um ser humano e só assim é possível a in-ter-ação, pois interação é a manifestação física da idéia, da vida.

A biblioteca reúne as idéias que se tornam ação viva das palavras, do verbo, registradas em livros e/ou em diferentes suportes. Tomam vida através da leitura, no encontro de duas almas que no diálogo silencioso trás em si o dínamo capaz de transformar a idéia em novos conhecimentos, através da nossa capacidade de conviver com a diversidade. Viver com a diversidade só é possível quando encontramos a unidade dentro de nós mesmos. Descobrimo a unidade, podemos nos relacionar com a multiplicidade.

Só seremos capazes de buscar fora – nossos parceiros, nossos iguais –, quando descobrirmos a nossa unidade a aprendermos a viver de forma cooperativa. Só assim a Biblioteca Pública poderá encontrar sua unidade e dar existência a um sistema aberto, vivendo a Sintropia.

Atualmente as bibliotecas públicas têm algo de pública mas, não são públicas, têm algo de híbrida, vivem os conceitos da Educação formal Brasileira (Fechada=Entropia). É preciso compreender isto e repensar para onde ir, ou onde ficar. É necessário apreender que a biblioteca pública é geradora de vida, é feminina por dentro e masculina por fora, é secular sua emanação plasmadora de futuro através da ação criativa da cultura; interagindo com a comunidade a partir da possibilidade da produção de conhecimento.

Reconhecemos a biblioteca pública nas seguintes funções: de Manutenção e conservação do conhecimento cientificamente elaborado; Difusão do conhecimento, divulgação - desconfinando o acervo, permitindo acesso e promovendo a leitura. Se constituindo como local de lazer e recreação; Atuando na formação de leitores; Educadora numa ação social e política, olhando a realidade cultural onde está inserida; Elaboração e Produção de "novos" conhecimentos nos aspectos da contribuição da produção da criação literária, da produção científica e sobretudo na elaboração da produção do conhecimento popular da comunidade, daquilo que ela trás de acúmulo de vida, da sua jornada sobre a terra.

Quando a Biblioteca Pública permite e/ou favorece a elaboração e a construção de conhecimento, ela está deixando de estabelecer apenas ações de reprodução para ser co-produtora de novos saberes, caminhos e conhecimentos.

Para isso é preciso, em suas ações, permitir e dar a palavra, estabelecer relações de diálogo, de inter-atividade com o outro (outro aqui entendido como leitor-usuário, comunidade, escola, sociedade civil organizada e superar as "fronteiras" criadas pela nossa estória e imaginação), deixando expressar seu estado de in-(um)-ser-ativo.

A biblioteca pública na sua dimensão de vida insere, habita a dimensão social, capaz de favorecer as relações dos significados, das expressões e em particular da palavra, reintegrando linguagem e vida.

A produção do conhecimento é plural e a pluralidade está no reconhecimento das diferenças. Este reconhecimento é a possibilidade do trabalho em sistemas abertos, onde as ações respondam à aspiração social de igualdade de direitos à expressão, ao exercício da cidadania e do sentimento de unidade / de integração / de pertencimento / de fraternidade / de cooperação / de simbiose e de Mundialização.

A palavra é capaz de realizar essa igualdade, reconhecendo-se o Homem como um ser integral, uno e social. Buscando sua realização, isto é, desenvolvendo suas potencialidades, sua real-ação e aprimorando o caráter (entendido aqui como resgate da dignidade, dos valores altruístas, da ética, da estética, da poética, da cooperação, harmonia, da fraternidade, do humor, da alegria, da confiança em si mesmo, na coragem) através da cultura (Criação).

Um pouco de estória: propostas de ações frente a esta visão de Biblioteca Pública

Iniciar o processo de transição da tradicional biblioteca pública para construir Biblioteca Pública, é agir na área da documentação, da palavra (visual, sonora, virtual, mas sobretudo verbal) de forma a interferir direta e radicalmente na relação leitor-linguagens. (Rubens Zárate)

Atividades suplementares - eventos musicais, cênicos, cinematográficos, lazer etc.- podem e devem ser implementadas, tendo como horizonte a provocação de uma percepção dos equipamentos públicos por parte da comunidade.

Os acervos documentais, porém, só serão efetivamente convertidos em fontes de formação, informação e fruição a partir do momento em que deixem de estar a reboque e das demandas institucionais (falidas) da repetição, da redundância e da previsibilidade, e passarem a provocar a prática da criação, o que implica em estimular (jamais produzir ou impor) processos (nunca produtos ou fins) inventivos (e não miméticos). Isso significa: reintegrar Linguagem & Vida. (Rubens Zárate)

A Biblioteca Pública na sua dimensão social é o espaço do diálogo e da aprendizagem, pois, aprender é transformar, onde esse ambiente ofereça segurança para encorajar a exploração e o esforço e o estímulo sejam suficientes para fazer avançar processos que favoreçam as relações dos significados, das expressões e, através da particularidade, da PALAVRA, pois a palavra Humaniza.

A linguagem estabelece a relação do diálogo, portanto, vida, do desejo de esclarecer-se e ao próximo. Eis aí uma possibilidade de inovação, de criação.

A Biblioteca enquanto espaço de sociabilização e criação é o lugar essencialmente da palavra, palavra esta que deverá fazer sentido para os seus interlocutores, onde deverá articular ações facilitadoras na construção desse sentido, adquirindo a capacidade de "dizer a palavra, que num sentido verdadeiro é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar" (Paulo Freire).

A Biblioteca como espaço de reposição e difusão do conhecimento cientificamente elaborado não pode negar o fazer, a construção do conhecimento que se realiza no seu cotidiano. É neste instante que se inscreve sua função de coprodutora; espaço de diálogo entre a produção e a aprendizagem de "novos" saberes. Para isso acontecer é preciso repensar-se como espaço de criação, elaboração, produção e aprendizagem. Ela deve olhar para dentro de si, lançar um novo olhar para o seu cotidiano e ter a generosidade de repensar seu diálogo atual e suas relações com seus interlocutores, reconhecendo seus parceiros e reconstruindo novas relações com a comunidade.

Ao dar a palavra, ao estabelecer novas relações com sociedade, a Biblioteca Pública responde à aspiração fundamental de igualdade, pois a língua pode estabelecer a igualdade. Um igual é aquele que sabe exprimir-se e compreender a expressão dos outros, compreendendo as diferentes linguagens de expressão e relacionando-se com as diferenças.

Construindo a partir das diferenças o fazer cultural, o novo saber, o diálogo que reconhece o Homem por inteiro.

Um ser social que reconheça sua capacidade humanizadora e multiplicadora exercendo, de fato, a cidadania na perspectiva de conquistar novos direitos e reconhecendo seus deveres, então, realizando-se como ser humano e ser histórico, colaborador e transformador da sociedade.

Todas as ações devem caminhar numa perspectiva de contribuir para diminuir as distâncias culturais existentes entre as diferentes condições econômicas-sociais. O processo político-cultural deve reconhecer três categorias de interlocutores. O público efetivo, público potencial e o público que poderá ser considerado o não público. Os processos culturais devem estabelecer um caminho de subida, isto é, "transformar vida energia em vida consciência" (Henrique José de Souza). Reconhecendo que o *público efetivo* deve ser qualificado a ser a alavanca para este processo de subida, isto é integrar o público potencial e o não público.

O desafio maior é o *não público*, os que não serão jamais elevados à condição de efetivos, caso nosso olhar não ouse para além do possível. Esse não público é a maioria da população, nossa maior atenção, pois o "isolamento em que vive acentua a cultura do silêncio" (Paulo Freire). Silêncio esse que poderá ser rompido na construção de significados próprios e na possibilidade de espaços de expressão, de olhar, de construção de olhares, um novo diálogo.

Enfim, uma busca que se constrói na ação, nesta identificação individual, num olhar para o outro, na relação de equipe, na cooperação, nas parceiras. Na construção para além de nossos limites espaciais e temporais, para o sempre.

Revedo-se e reconstruindo-se na dinâmica dos processos da aprendizagem, da transformação, buscando a construção da identidade cultural que nos ligue através do exercício efetivo da cidadania e do sentimento de unidade / integração / fraternidade / cooperação / simbiose e Mundialização.

Duas funções básicas são atribuídas à Biblioteca Pública: as de conservação e difusão do conhecimento. A primeira preocupada basicamente com a guarda do patrimônio público e a segunda com a divulgação das informações constantes no acervo.

Outras funções, devem passar a orientar a filosofia da Biblioteca Pública:

- **Sociabilidade** do conhecimento = aprendizagem-transformação pessoal, através de intercâmbios orais ou não, e da manutenção de relações entre todos os possíveis interlocutores;

- **Mediação**, incentivo da leitura e do conhecimento, e formação do leitor, sendo o lugar de redução das distâncias culturais entre conhecimento - indivíduo/comunidade. Permitindo conhecer os circuitos de circulação da produção e difusão cultural, estimulando, encorajando a prática da intertextualidade, ou seja, lugar de interatividade;

- **Produção** de conhecimento e incorporação de novos saberes resultado da elaboração da produção do conhecimento popular da comunidade, daquilo que ela trás de acúmulo de vida, da sua jornada sobre a terra. Receber produtos culturais através da oralidade, da escrita, da expressão gestual e outros pelo indivíduo e pelo coletivo; formar/capacitar. Garantir a realização de processos de criação literária, formação de leitor, práticas de leitura, da melhoria da qualidade de expressão escrita, produção poética, textual e pesquisa metodológica como processo da educação continuada, onde cada leitor possa colocar sua pedra na construção de uma biblioteca pública.

- Formação é um dos eixos fundamentais das ações da cultura na biblioteca pública, tem por objetivos oportunizar o direito ao acesso às diferentes práticas, técnicas e conhecimentos, nas áreas da Literatura & Linguagem e outras, proporcio-

nando aos cidadãos produzir suas próprias manifestações e expressões artístico-culturais, proporcionando o aprofundamento da aprendizagem em processos graduativos que permita o encaminhamento e a formação profissional na palavra escrita.

- Difusão e divulgação é função da biblioteca, com o objetivo de sistematizar e fomentar as práticas de leitura e informação, visando a formação de público em torno das Linguagens Verbais, Visuais e Escritas. Organizar a cidade para a prática da Escrita e Leitura como expressão artística, fazendo com que esta área se inter-relacione com o todo das linguagens artísticas da área da cultura.

. Parceria é uma nova função da Biblioteca Pública para que possa ampliar suas ações cooperativas, em primeiro plano buscar parcerias com a escola compreendendo os estudantes como um ser em comum, um cidadão, sendo necessário construir um diálogo entre Escola e Biblioteca Pública para não continuar a manter uma surdez que cega e cala o estudante. Entender nosso cotidiano cabe uma reflexão:

Todos os dias centenas de estudantes chegam às bibliotecas públicas da cidade, com olhinhos opacos, outros brilhantes..., esses olhinhos procuram respostas para problemas ou dúvidas geradas por questões que não entendem, e muitas vezes não compreendem o que fazem ali. Na grande maioria das vezes, o que sabem é que vêm em busca da cópia, do xerox, do menor texto para complementar o boletim no final do mês.

Entram naquele lugar estranho, a primeira vista, mas intrigante para os olhinhos que brilham.

Do outro lado, ou outros ao lado, percebem o desencontro do garoto(a), e ao caminho de uma aproximação indagam, o que você quer?, outros sorriem e olá, o que deseja; outros carrancudos, olham por cima e o que quer?

Todos os dias é uma busca incansável, ou melhor cansável de diálogos que muitas vezes se constróem como monólogos. Uma surdez e uma mudez, mortal...

Mas, no meio dessa desconversa, o cidadão se constrói vendado e calado!

A escola atarefada no dia-dia, compreende a importância da construção do conhecimento através das diferenças de pensamento e se propõe a pesquisa, como metodologia de ensino e descoberta do novo e como complemento da fala do professor, do livro didático.

Com a aprovação da **Lei 5692** em 1971, a educação pretendia mudar a escola, a intenção da Lei, ao reformular o ensino era trazer novas práticas pedagógicas.

Foi instituída a obrigatoriedade da pesquisa na escola, mas a escola esqueceu de olhar para si mesma e reconhecer que pesquisa sem acervo, sem biblioteca escolar e sem mediador, para suportar essa necessidade, um dia poderia se tornar um complicador social grave na construção da cidadania.

Porém, incansável e certos de sua missão, os educadores insistem e escoam os educandos para além das paredes da escola e esses, vão para a cidade em busca de uma saída, ou melhor de uma resposta.

Esses estudantes, como soldados, encontram a biblioteca pública, meio apática no seu dia-dia, esta se vê invadida por uma leva de olhinhos opacos..., medrosos... Grandiosa, muitas vezes, ela se compadece e reorganiza-se para atendê-los, isso que seria momentâneo, dura a anos.....

A Escola, atarefada no seu dia-dia, busca soluções para questões fundamentais outras, como leitura, qualidade de ensino, provão, enviar acervos para as escolas, formação de professores, melhoria do salário e hoje o resultado desse processo, a violência, como outros que nem sabemos quais.

A biblioteca pública percebe que tudo caminha em busca dos culpados, mas verdadeiramente sua vida mudou, não consegue atingir seus objetivos de biblioteca pública, tem dificuldade em formar seus trabalhadores, mas procura rever sua função e cronicamente compreende que Não pode Negar, Não pode Deixar de Ver esse público. Ele é persistente, pois bate todos os dias em sua porta e filas imensas se aglomeram em sua frente.

Olhando este estado de coisas, não podemos mais apenas atender esses cidadãos como se faz nas filas da saúde pública, nosso elemento é o simbólico, o pensamento, a transformação do homem, a humanização, o ser... precisamos conhecê-los de perto, integralmente como cidadãos não apenas como estudantes, ou leitores, ou usuários das bibliotecas. Eles são únicos, esses serezinhos são integrais apesar de múltiplos nomes.

Nós da biblioteca, precisamos conhecer a escola, falar com ela, dizer de nós trabalhadores da cultura, falar dos cidadãos que batem a nossa porta diariamente, falar de nossas ocupações, de nossas tentativas, de nossas frustrações, de nossas buscas e estratégias no caminho da qualidade, das nossas dificuldades, de nossos erros, de nossos cansaços, de nosso fôlego.

Precisamos ouvir a instituição escola, os trabalhadores da educação pública, de seus sonhos, de suas tentativas, de seus erros, de suas disposições, de seus acertos.

Nós mediadores entre a cultura e educação, somos apenas nós quem poderemos, juntos, buscar alternativas para este estado em que nos encontramos.

Não queremos apontar e encontrar os culpados, apenas queremos reconhecer quem somos, com quem contamos, o que podemos construir juntos a partir desse novo diálogo.

Hoje, reconhecemos que, anos após anos de tentativa solitária nos esquecermos, ambas as instituições biblioteca pública, escola e biblioteca escolar de construir um diálogo, uma parceria para soluções desses problemas, pois quem está sempre sozinho é o cidadão, o estudante.

CONCLUSÃO

Para sobrevivência das Bibliotecas "Públicas" híbridas no Brasil lançamos mão das práticas de Marketing cultural e captação de recursos, funções estas que completam o círculo da produção cultural, mas cabe uma grande reflexão acerca do papel do estado sobre a manutenção dos acervos das bibliotecas e da garantia da formação, áreas vitais para a garantia da continuidade das funções da biblioteca pública, não podemos abrir mão desse dever do estado, estamos entrando num novo século e ciclo, e contraditoriamente continuamos a mendigar recursos públicos que não chegam para a manutenção das duas funções básicas da biblioteca e já pensamos e realizamos novas ações para garantir a existência da memória e da vida, diga lá o caminho a percorrer na vida real para a realização plena da biblioteca pública, mas antes uma tarefa intermediária: implantação das bibliotecas escolares na rede pública, eis uma tarefa para os próximos 500 anos?

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. *Rev. Bras. Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v.20, n.1/4, p.31-8, jan./dez., 1987.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. *Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Alternativas*. Londrina: UEL, 1997.
- _____. *Sociedade e biblioteconomia*. São Paulo: Polis/APB, 1997.
- ANDRADE, Ana Maria Cardoso de, MAGALHÃES, M. H. A. Objetivos e funções da biblioteca pública. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 48-59, mar. 1979.
- BOFF, Leonardo. *O despertar da águia*. 8.ed. São Paulo: Vozes, 1998.
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

- COELHO NETO, José Teixeira. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Usos da cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FERGUSON, Merlyn. *Voar e ver: novos caminhos para o aprendizado*. In: - A conspiração aquariana. 10.ed. São Paulo: Nova Era, 1995.
- FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? *Rev. Bras. Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v.11, n.1/2, p.9-15, jan./dez., 1978.
- FIGUEIREDO, Nice. Serviço de informação para a comunidade como instrumento de democratização da biblioteca pública brasileira. *Rev. Bras. Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v.18, n.3, p.7-19, jul./dez., 1985.
- FLUSSER, V. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.12, n.2, p. 145-69, set. 1983.
- _____. O bibliotecário animador: considerações sobre sua formação. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.11, n.2, p. 230-6, set. 1982.
- _____. Uma biblioteca verdadeiramente pública. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v.9, n.2, p. 131-8, set. 1980.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEMONS, Antonio Agenor Briquete de. Para onde vão as bibliotecas públicas. *Palavra-Chave*, São Paulo, n.1, p.11-12, maio. 1982.
- LEITOR infinito: Textos diversos sobre a linguagem, conhecimento e leitura. São Paulo: SMC, 1991.
- MILANESI, Luís Augusto. *A casa da invenção*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- _____. *Centro de cultura: forma e função*. São Paulo : HUCITEC, 1990.
- _____. *Ordenar para desordenar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *O que é biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MIRANDA, Antonio. A missão da biblioteca pública no Brasil. *Rev. Bibliotecon. Brasília*, Brasília, v.6., n.1, p.69-75, jan./jun. 1978.
- SPERRY, Suzana. Animação cultural em bibliotecas: quando? como? onde?. *Rev. Bras. Bibliotecon. Doc.*, São Paulo, v.20, n.1/4, p.13-30, jan./dez., 1987.
- SOUZA, Henrique José de. *Eubiose: a verdadeira iniciação*. 4.ed. Minas Gerais, São Lourenço: SBE, 1978.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis/APB, 1989.